


50 anos da FIPF: a vida associativa em rede / 50 ans de la FIPF : la vie associative en réseau

*Denise Gisele de Britto Damasco**

Graduada em Letras (1986), com Mestrado (2008) e Doutorado (2014) em Educação pela Universidade de Brasília. Professora de Francês Língua Estrangeira na Secretaria de Estado de Educação do DF de 1989 a 2015. Atualmente, faz pós-doutorado na PUC SP e é presidente da Federação Brasileira de Professores de Francês (2017-2020 e 2020/2022).

 <http://orcid.org/0000-0002-0250-0776>

Dario Pagel¹

Possui graduação em Letras português-francês pela Fundação Universidade Regional de Blumenau (1974), mestrado (1978), doutorado (1981), pós-doutorado (1994) em Letras-Fonética Geral e Experimental pela Université des Sciences Humaines de Strasbourg e pós-doutorado em Didática de línguas e culturas pela Université de Paris III Sorbonne Nouvelle (2004). Atualmente é professor adjunto de Língua Francesa do Departamento de Línguas Estrangeiras Modernas da Universidade Federal de Sergipe (UFS).

*Doina Spita***

Professora-pesquisadora na Universidade "Al.I.Cuza" Iasi (Romênia) e vice-presidente da Federação Internacional de Professores de Francês (FIPF), Doina Spiță é especialista em ciências da linguagem, em didática do francês como língua estrangeira e em Intercompreensão. Ela participa de inúmeros projetos de pesquisa no ensino do plurilinguismo e oferece formações para professores, além de oferecer oficinas de sensibilização sobre a Intercompreensão em diversos espaços linguísticos e geográficos. Ela é autora de inúmeras publicações nas áreas acima mencionadas.

*Waldemar Oliveira de Andrade Junior*****

Possui Mestrado em Didática de Línguas e culturas – Francês Língua Estrangeira e Segunda, pela Universidade de Clermont-Auvergne. Presidente da Associação de Professores de Francês do Distrito Federal (2019/2021).

*

 denise.damasco@gmail.com

1

 pageldario@yahoo.fr

 doinaspita@gmail.com

 waldemar.oliveira@edu.se.df.gov.br



Recebido em: 20 nov. 2021. Aprovado em: 25 nov. 2021.

Como citar este artigo:

DAMASCO, Denise Gisele de Britto. PAGEL, Dario. SPITA, Doina. JUNIOR, Waldemar Oliveira de Andrade. 50 anos da FIPF: a vida associativa em rede. *Revista Letras Raras*. Campina Grande, v. 10, n. Especial, p. 165-183, nov. 2021. DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.10022573>

RESUMO

Este texto pretende reunir testemunhos que nos permitem observar claramente que a vida associativa se mantém e evolui nas diferentes regiões, ainda que observemos um recuo do francês na rede escolar. As associações tornaram-se uma estrutura essencial para o desenvolvimento do ensino desta língua estrangeira. Em todos os países, podemos encontrar exemplos de seu trabalho político e educacional de sucesso que descreveremos neste artigo, no qual, busca-se enfatizar que os professores, através da rede de associações membros da FIPF (Federação Internacional de Professores de Francês), realizam uma grande ação no que se refere ao ensino e à formação de professores, dando ao francês o seu devido lugar no ensino.

PALAVRAS-CHAVE: Vida associativa; Formação de professores; FLE.

RÉSUMÉ

Ce texte a pour but de réunir les témoignages qui nous permettent d'observer clairement que la vie associative se maintient et évolue dans différentes régions, même si l'on observe un recul du français dans le réseau scolaire. Les associations sont devenues une structure indispensable pour le développement de l'enseignement de cette langue étrangère. Dans tous les pays, nous pourrions trouver des exemples de leur travail politique et pédagogique fructueux que nous allons décrire lors de cet article. Cet article tient à souligner que les professeurs, par le biais du réseau des associations membres de la FIPF (Fédération Internationale des Professeurs de Français), mènent une action capitale en ce qui concerne l'enseignement et la formation des professeurs, donnant ainsi au français sa juste place dans l'enseignement plurilingue.

MOTS-CLES : Vie associative ; Formation des professeurs ; FLE.

1 Introdução

Este artigo relata a mesa-redonda que aconteceu durante a 22ª edição do Congresso Brasileiro de Professores de Francês, em 2019, em Brasília, de 8 a 11 de outubro. Propomos não apenas uma retrospectiva do que foi apresentado no Congresso, mas, também, um testemunho de três professores e suas experiências significativas em relação à Federação Internacional de Professores de Francês. E um relato de experiência de um jovem presidente que estava na platéia na ocasião dessa mesa-redonda. Ele compartilha percepções sobre a vida associativa, levando-nos a percorrer a ponte entre as ações de uma associação e as da Federação Internacional.

Segundo Franchon (2019), este Congresso, intitulado *Francês em ação: variação e criações*, “de natureza polifônica, terá a ambição de abordar a língua francesa e seu posicionamento em um mundo de mobilidades constantes que induzem novas dinâmicas e novas estratégias” (FRANCHON, 2019, p. 147). Uma série de conferências, de simpósios, de comunicações temáticas, de mesas-redondas, de ateliês fez parte desta manifestação científica em torno de cinco eixos: linguística, formação e didática de língua; literatura e pontes culturais; tradução e políticas linguísticas, bem como as memórias partilhadas. A fim de festejar o quinquagésimo aniversário da FIPF, houve uma mesa-redonda com a participação de Patrick Dahlet, de Doina Spita e de Dario Pagel, com a moderação de Denise Damasco.

É preciso lembrar que os Anais deste evento foram lançados em 2020, sem que essa temática tenha sido abordada, o que nos motivou a fazer este esforço para relatar o que ocorreu durante o congresso e um testemunho individual sobre a FIPF e os percursos profissionais. Trata-se, portanto, de suscitar a vida associativa em rede, uma vez que a FIPF reúne as associações e as federações de professores de francês do mundo inteiro.

Este artigo se divide em duas partes. A primeira parte nos apresenta a FIPF e a rede federativa internacional. A segunda parte nos convida a ler cinco testemunhos sobre a FIPF e os seus 50 anos: o do pesquisador e antigo presidente, Dario Pagel, da presidente de uma Federação vinculada à FIPF, Denise Damasco, de uma associação afiliada à Federação Brasileira, Waldemar Andrade de Oliveira Junior e pelo testemunho de Doina Spita, vice-presidente dessa instituição na época. Destacamos que Spita foi redesignada vice-presidente para os próximos anos: 2021 a 2025.

2 Testemunhos, vivências e experiências

Nós apresentamos quatro testemunhos sobre a FIPF. Inicialmente, Dario Pagel chama a atenção para esta federação e sua relação com a Francofonia. Em seguida, Denise Damasco ressalta suas percepções enquanto professora e membro da associação aderente à FIPF, a Federação Brasileira de Professores de Francês (FBPF) e, por fim, a narrativa de um presidente da

associação afiliada à FBPF e por consequência à FIPF. Encontramos, também, neste texto, vivências e experiências da vice-presidente da FIPF, Doina Spita.

2.1 Eu cresci profissionalmente e pessoalmente com a FIPF, por Doina Spita

No 50º aniversário da FIPF, a presidente da Federação Brasileira de Professores de Francês, nossa colega Denise Damasco, nos convidou para compartilhar algumas lembranças. Faço-o com grande emoção e profunda gratidão, pois, como disse quando concorri a um primeiro mandato como vice-presidente de nossa federação, tenho a sensação inconfundível de ter crescido profissionalmente e pessoalmente com a FIPF. Refletindo sobre isso, trago três lições que marcaram minha existência.

Conheci a vida associativa em 1990, em um estado de espírito em que os países da Europa central e oriental compreendem certamente melhor que outros. Verdadeiro mosaico de zonas culturais e linguísticas, esse vasto território tem um denominador comum de ordem histórica: é a experiência do regime totalitário, uma experiência que durou cerca de meio século e teve sérias consequências a nível social, e que levou a desafios associativos particulares, uma vez que estes países começaram a aprender sobre democracia.

Neste contexto, costumo evocar uma frase que ouvi de Boris Cyrulnik. Vou citá-la aqui, da forma que me lembro: *Para dar sentido ao que somos, ao que nos rodeia, devemos ter uma história e um sonho*. Isso vale para os indivíduos e, também, para as entidades coletivas. Em 1990, em um movimento de emancipação que atravessou toda a região, um grupo de entusiastas assinava o registro de nascimento da Associação romena de professores de francês, ARPF, que se tornou, mais tarde, segundo a denominação de hoje, a Associação romena de professores francófonos. Marcados pelo enfraquecimento do comunismo, eles eram entusiastas e sonhadores, pois sonhavam com uma Romênia que se salvasse do isolamento, aberta e colaborativa, uma Romênia na qual o ensino do francês seria um vetor de liberdade. A constituição da ARPF foi, portanto, um dos primeiros exercícios de formação para a democracia em sua dimensão participativa. Foi um dos atos fundadores da sociedade civil, acompanhados por uma conscientização de novos valores, incluindo o da responsabilidade profissional coletiva. "Não pode haver posições de espera, de

passividade! - nossos colegas exigiam, com razão. O primeiro projeto federativo da região testemunha isso: *A renovação curricular na Europa Central e Oriental: especialidades e perspectivas*, ocorrida entre 1995-1999, permitiu que as associações descobrissem seu papel de conselheiras das decisões educacionais e, a assumi-lo, como vetores de inovação. "Foi para fazer ouvir minha voz que aderi à associação", declarou uma professora, como tantas outras, com a esperança de uma legitimidade coletiva reforçada, garantindo o direito de assegurar que esse caminho certo fosse mantido. De fato, a maioria de nossas associações está longe de se contentar com uma atitude de expectante e os desejos que elas expressam não são meras utopias. Pelo contrário, muitas vezes são propostas que podem inspirar, em todos os níveis, políticas linguísticas voluntaristas, estratégias e projetos. A legitimidade da FIPF é a legitimidade de uma voz planetária. Essa foi a primeira lição que eu gostaria de compartilhar.

A segunda lição, eu a tirei da pesquisa realizada durante a preparação do Livro branco sobre o ensino da língua francesa em 2013-2014. Ela chama-se pensar sobre o futuro. A pesquisa nos permitiu esboçar uma espécie de retrato-falado do professor de francês. Um personagem, se ousar dizer, com duas faces. Por um lado, ele nunca deixa de expressar o seu amor pela língua francesa e pela civilização francesa e francófona e, por outro lado, sente-se profundamente "em sofrimento": desencorajado pelo constante declínio do interesse pelo francês, submetido às vontades dos seus *superiores* nas instituições, refém das leis do mercado e cansado pelas lentidões institucionais face às mudanças. Esse professor, dividido entre as elevadas exigências de sua profissão e a amargura pela opacidade de muitos de seus interlocutores e a crescente desafeição do público, escolhe a vida associativa, dentro da qual ele espera redescobrir seu sorriso e otimismo. Podemos decepcioná-lo?

É cada vez mais evidente que o francês só pode progredir no mercado linguístico se for percebido como um fator de promoção social. Longe das vozes sombrias que lamentam o declínio de seu ensino, devemos afirmar a vontade de desenvolvermos juntos um saber-fazer em favor de abordagens metodológicas renovadas, melhor ancoradas no que é o mundo de hoje e de amanhã. O tempo em que aproveitávamos apenas a beleza da língua francesa já passou. O que devemos demonstrar é que este francês, destinado a expressar os desvios imprevistos da mente, as instantaneidade das sensações, a musiquinha inserida no coração de cada homem, enfim, esse

francês é capaz de manter seu fascínio. Que a essa demanda corresponda uma oferta de qualidade, à altura das expectativas que ela suscita e que esta oferta seja capaz de manter seu enlevo e o interesse do público. Os discursos morosos e, muitas vezes, desesperados, tais como “o francês está perdendo terreno para outros idiomas” especialmente para o inglês, sugere um falso problema. Não se trata de uma questão de “prioridade”. Se falamos cada vez mais em uma “política voluntarista”, devemos entender que não se trata de um desejo cobiçoso de ocupar a posição ocupada pelo outro, mas de uma vontade ambiciosa de ocupar um lugar ao lado dos outros e de militar a favor do plurilinguismo próprio de uma cultura democrática. Nossa Federação deve desempenhar um papel forte, generoso e dinâmico no desenvolvimento do homem de hoje e de amanhã. Pensar no futuro significa ser flexível, desenvolver a capacidade de adaptação a todos os imperativos que a sociedade nos impõe e, enfim, ouvir os jovens. Fazê-lo para garantir a sucessão geracional, o que representa o desafio de um duplo déficit, tanto de aprendizes quanto de professores de francês. Pensar no futuro significa inovar, ousar e agir.

A terceira lição chama-se solidariedade. Ela não é recente, mas tornou-se mais evidente desde que a luta global contra a pandemia nos obrigou a “calcar os cotovelos”². A origem dessa expressão no século XX é incerta, mas há uma hipótese de que ela se refira ao gesto feito pelos manifestantes de entrelaçar seus braços uns com os outros para enfrentarem a adversidade. A imagem é simbólica, pois, paradoxalmente, foi o “à distância” que nos reuniu, como foi testemunhado unanimemente pelo grupo de colegas argentinos que participaram de uma oficina formativa sobre vida associativa que liderei, online, há menos de um mês... Solitários, mas solidários, citando Camus. Porque nunca venceremos sozinhos.

Há várias formas de expressar solidariedade associativa: é ao mesmo tempo o trabalho colegial, projetos colaborativos; parcerias, construídos sobre o princípio de dar e receber, o apoio contra a precariedade agravada pelo ensino à distância... E trata-se também de encontrar juntos, nos momentos de grandes reuniões decisivas para o futuro do planeta, as respostas adequadas para os grandes desafios. As constatações e análises, assim como os exemplos de boas práticas, contribuem para o surgimento de um certo número de consensos, correspondendo a realidades amplamente compartilhadas e a um desejo de aproximação. Estes consensos resultantes do debate,

² Tradução literal da expressão *serrer les coudes*.

das trocas e da partilha contribuem para o desenvolvimento de uma cultura associativa que chamaremos de *ethos*, uma noção que está cada vez mais presente não apenas nas ciências da linguagem, mas também nas ciências humanas e sociais. Um articulador, uma ação comum, como a vontade de crescer e permanecer firme, mesmo (ou especialmente) quando as coisas não estão indo bem, e que representa a marca de um estado de espírito de desenvolvimento. É também a vocação da nossa federação! Todos nós somos testemunhas disso. E talvez também atores.

2.2 A FIPF e os professores de francês desbravadores da francofonia, por Dario Pagel

Desde sua criação em 1969, a Federação Internacional de Professores de Francês (FIPF) tem servido e continuará a servir a causa da difusão e do crescimento do francês nas diferentes regiões do mundo, que é sua tarefa prioritária, justificando assim, por exemplo, as diferentes ações que ela realiza até hoje com seus parceiros nacionais e internacionais.

Quando se está em um caminho escuro, é preciso que um guia nos indique o caminho... Este é o papel da Federação Internacional de Professores de Francês que, através de seus 80.000 professores representados nos cinco continentes, tenta criar espaços francófonos sempre que possível. Um curso de francês no país dos Massais, para índios da Amazônia ou para corretores de Wall Street é um espaço francófono que se cria. Nos cantos mais remotos do mundo, o professor de francês é às vezes a única vela que ilumina a francofonia. Quando ela se apaga, a francofonia também se apaga. Quando ela resiste a um ambiente que não lhe é necessariamente favorável, surge o efeito multiplicador; um professor em uma classe de cinquenta alunos durante trinta anos de carreira: faça o cálculo você mesmo!

Nós, professores de francês, defendemos esta francofonia com a força de nossa energia militante, como "mosqueteiros". Também a queremos moderna e concreta, ou seja, adaptada às realidades de mulheres e homens de todos os continentes, de todas as raças ou grupos étnicos, de todos os estratos sociais.

Para a valorização e a vida associativa da francofonia, os professores de francês representam um capital inestimável de experiência, insubstituível de presença, de influência a longo prazo e, até mesmo, de resistência. Reunidos em associações, todos os membros da Federação

Internacional de Professores de Francês, estes professores são forças vivas e apaixonadas na construção de uma francofonia baseada na solidariedade, diversidade, amizade... Esta organização associativa de professores de Francês é notável e única no mundo, desde as regiões internas dos diferentes países até as regiões continentais, vinculada a uma federação internacional.

Nossa Francofonia responde ao ideal de Sédar Senghor, ao que este grande poeta da negritude, que é também um dos fundadores da Francofonia institucional, chamou de "encontro para dar e receber", uma espécie de plataforma de trocas onde cada pessoa depositará os melhores elementos de sua cultura e receberá os melhores elementos da cultura do "estrangeiro".

A FIPF e a FBPF estão conscientes da responsabilidade dada às associações de professores de francês, mas cada professor também está consciente de que sua associação constitui um poderoso núcleo de expressão para reagir contra a marcha em direção à uniformidade, mobilizando-se pelo ensino diversificado das línguas que são a riqueza do mundo.

As duas federações trazem visibilidade e credibilidade ao ensino da língua francesa e às ações da área. O sucesso dos congressos mundiais da FIPF e dos congressos nacionais da FBPF ganharam a aposta que fizeram no momento de sua criação, não para defender a língua francesa, limitando-se aos países onde ela é a língua materna dos aprendizes, mas, ao contrário, para reunir todos aqueles que a ensinam como segunda língua ou língua estrangeira a serviço de uma francofonia aberta.

Nos debates destes grandes encontros mundiais e nacionais, encontra-se a premissa de que é essencial fortalecer os professores de francês com sólidas habilidades na língua, cultura e em didática, para que cada um deles possa se tornar um operador confiante, dinâmico e onipresente de uma francofonia aberta, respondendo aos valores humanos e de paz, afirmando o verdadeiro papel do professor, que é o de formar jovens e, portanto, de preparar o futuro.

As variações temáticas dos congressos mundiais, regionais e nacionais permitem aos participantes refletir sobre os pontos fortes do ensino da língua francesa, mas também sobre suas fraquezas. Observamos que em algumas regiões o francês desfruta de um status favorável no sistema escolar. Entretanto, em outros sistemas nacionais de educação, ele está ameaçado de desaparecer, devido às reformas planejadas pelos respectivos governos.

Os professores de francês foram massivamente convidados a darem sua visão de um ensino moderno desta língua que eles defendem diariamente, uma visão que poderia corrigir a curva da demanda por esta língua cujo declínio alguns não hesitam em anunciar. Quanto a mim, minha visão permaneceu constante desde que fui eleito presidente da FIPF em 2000. A visibilidade do francês no mundo depende principalmente de dois importantes eixos estratégicos: por um lado, a formação e fidelização de professores; e por outro lado, o ensino do francês nas escolas dos diferentes sistemas educativos dos países.

Hoje, o futuro do francês, como para a maioria das línguas, está na massificação do aprendizado. Para alcançar este objetivo, é essencial evitar que o francês se instale em seu conforto como língua de uma elite social e cultural relativamente cômoda. Várias publicações, assim como diversos trabalhos de congressos e colóquios das Federações Internacional e Brasileira de Professores de Francês, já discutiram a questão da presença do francês, atualmente precária, nas escolas de muitos países, principalmente naqueles em que o francês é uma língua estrangeira.

A abertura acadêmica ao estudo da língua e a popularização de novas tecnologias certamente contribuem para criar uma imagem menos elitista da aprendizagem do francês; os diversos cursos de formação, as pesquisas universitárias, o impulso ao Francês para Objetivos Específicos, voltado para as necessidades profissionais, adotado em muitas instituições de ensino em alguns países da América Latina, permitem aos aprendizes encontrarem uma razão "útil" para estudarem a língua e lhes oferece oportunidades interessantes no mercado de trabalho.

Atualmente, todos os atores do francês como língua internacional devem interagir uns com os outros, apoiados pela França, Canadá, Quebec, Bélgica e outros países e governos francófonos, para desenvolverem uma política coerente e planejada da presença da língua francesa nos sistemas educacionais da maioria dos países do mundo. E, sobretudo, eles não devem esquecer o que aparece como evidência para os atores em campo que nós, professores de francês, modestamente representamos: para o sucesso de todo projeto de política da língua francesa, será necessário contar com os professores de francês que têm uma visão esclarecida da realidade do ensino desta língua em suas respectivas regiões. Estruturados em associações e em rede mundial pela Federação Internacional e a Federação Nacional, eles devem ser os primeiros interlocutores em matéria de política, promoção e difusão do francês.

Desejo que as reflexões do XXII Congresso Brasileiro de Professores de Francês deem um dinamismo ainda maior à nossa vida associativa que, estruturada e dedicada à valorização do francês e composta por colegas nacionais, constitua uma rede ancorada na realidade local. Somente professores locais de francês conhecem o contexto educacional e a cultura local. As associações são, portanto, redes indispensáveis. Se forem bem compreendidos, com tato e confiança, com apoio material e com o reconhecimento que merecem, elas poderão constituir uma rede extraordinária de difusão para que a língua francesa possa consolidar, cada vez mais, um diálogo baseado no respeito mútuo e na amizade, na necessária diversidade linguística e cultural deste continente europeu. Esta é a língua que faz a diferença.

2.3 A FIPF e o olhar de uma professora membro de uma associação vinculada à FIPF, por Denise Damasco

Em Salvador, em 1998, foi a primeira vez que ouvi falar que a Associação de Professores de Francês do Distrito Federal pertencia a uma rede mais ampla. Além disso, a palavra “rede” não fazia sentido para mim nesta época... Foi na 13ª edição do Congresso Brasileiro de Professores de Francês e, se bem me lembro, foi reeleição de Dario Pagel como presidente da FBPF³. A partir de então, para minha realidade como professora de francês na Aliança Francesa de Brasília e, ainda, vinculada ao sistema público do Distrito Federal, havia uma longa distância. Em todo caso, após a abertura deste congresso, em uma bela sala do hotel nessa cidade, vi o Sr. Pagel aproximando-se para nos cumprimentar, eu estava com a coordenadora da Aliança Francesa de Brasília, Sr.^a Saad, que me apresentou a Pagel e à FBPF.

Em 2014, durante a organização do 6º Encontro Nacional de Presidentes de Associações de Professores de Francês em Brasília, como presidente da APFDF, pude perceber este efeito em cascata e o que *rede* queria dizer, quando se está no mundo associativo. Para mim, trabalhar em rede significa ajudarmo-nos uns aos outros, de forma a irradiar nossos objetivos comuns. Quando estamos em rede, somos capazes de superar nossas dificuldades de uma forma leve e coesa.

³ Segundo o site da <<http://fbpf.org.br/site/qui-sommes-nous/>>

Em 2017, aceitei o desafio de organizar uma gestão para renovar a FBPF, que via a sua organização jurídica desvanecer progressivamente, então entendi que esta tarefa deveria ser realizada com o apoio da Federação Internacional de Professores de Francês. Foi durante o Congresso Brasileiro de Professores de Francês em Aracaju que conheci Doina Spita, que tinha acabado de juntar-se a nós, no Brasil e que nos falou sobre os trabalhos internacionais da rede federativa. Do meu ponto de vista associativo local, entendi que a força da rede nos dá suporte e nos leva a pensar em projetos mais abertos e diversificados.

Assim, foi com simplicidade que consegui marcar um encontro com o Sr. Stéphane Grivelet, Secretário Geral da FIPF, na Rua Beauvais, número 8, em Paris, em 2018. Rodeado por colegas tão simpáticos, como Isabelle Desnouailles e Diego Fonseca, nosso colega brasileiro na FIPF, tive a oportunidade de relatar as ações que a gestão da FBPF estava empreendendo para a recuperação jurídica e fiscal da FBPF. A vida federativa no Brasil existia, apesar desta falta de ordem jurídica. Com muito respeito, pudemos assumir a situação financeira da FBPF e atualizar nossas contribuições de filiação com a FIPF. A partir desta conversa, durante uma manhã de outono, entendi que a FBPF poderia realmente enfrentar seus desafios: não estávamos sozinhos.

Para uma presidente de federação iniciante, a coisa mais importante a fazer para não se perder é analisar o terreno para ver com quem se pode contar. Com a FIPF, percebi que estava pisando em um caminho de terra batida. As caminhadas em areia movediça também terminaram. Quando propus à FIPF uma gestão financeira tripartite da 22ª edição do Congresso Brasileiro de Professores de Francês em Brasília, a resposta que recebi foi: *sim, nós os ajudaremos*. O apoio institucional da FIPF à FBPF veio tornar-nos mais confiantes em nossas ações. A presidente da APFDF na época, Sra. Rosana Correia, e eu, enquanto presidente da FBPF, partimos para a organização do nosso congresso, com o apoio da FIPF. Reconhecendo que a FIPF dá apoio formal aos congressos regionais e não aos nacionais, pudemos ter a Sra. Doina Spita conosco e este apoio ao congresso de Brasília foi fundamental para fazer-nos melhor entender o significado do trabalho em rede. Estar em rede nos leva a ter projetos mais ambiciosos e a não parar diante das dificuldades locais. Uma rede nacional e internacional nos apoia.

Após celebrarmos o cinquentenário da FIPF em Brasília durante nosso congresso nacional, decidimos sonhar juntos com este francês que é "solar", uma língua que pode chegar a todas e a

todos. Entre 2020 e 2021, preparamos nossa candidatura para ser o país anfitrião da 16ª edição do Congresso Mundial de Professores de Francês. Desta vez, nossa oferta não foi bem sucedida, o que nos fez perceber que precisamos nos preparar ainda melhor. Mas um detalhe é importante, nossos laços são realmente fortes, estes laços foram tecidos através de projetos comuns, estes laços que nos aproximam e nos fazem avançar nos próximos anos, avançar como uma federação brasileira e a Federação Internacional de Professores de Francês.

2.4 A vida associativa e as ocasiões de formação para novos professores de FLE: as ações da FBPF e a APFDF, por Waldemar Oliveira, presidente da APFDF

A vida associativa se faz presente, mesmo sem percebermos. Em um dia estamos em uma sala, ouvindo o antigo presidente, Dario Pagel, contar sua história na FIPF e, também, a voz da sua vice-presidente, com a moderação da presidente da FBPF... Em outro dia, lá estamos nós como representantes de uma associação.

Esta é a constatação a que pudemos chegar durante a XXI Semana Universitária da Universidade de Brasília, onde apresentamos um balanço das ações da Associação de Professores de Francês do Distrito Federal (APFDF), a partir de nossas impressões e de algumas leituras. Para isso, apresentamos o histórico de nossas ações e, também, o reflexo de nossas iniciativas, cujo impacto é sentido até mesmo por aqueles que ignoram a existência de uma vida associativa, apesar de se beneficiarem diretamente dela. Essa observação levou a refletirmos sobre a condução de uma vida associativa, especialmente em um contexto em que a prática pedagógica se mostra mais solitária, mesmo que estejamos inseridos em um setor composto por pares com uma formação inicial comum.

O trabalho em rede, o voluntariado e o desejo de unir esforços em nome da difusão do ensino do francês no Brasil, é a resposta a que chegamos quando entramos em contato com a vida associativa, esses elementos vêm à tona mais especificamente, na esfera da língua francesa. Em consonância com estas primeiras impressões, Cuq (2016) afirma:

As associações não são organizações políticas ou sindicatos, mas lugares coletivos para organizar a vida profissional e compartilhar valores comuns. Agora,

embora a vida profissional dos professores de francês seja, em grande parte, a mesma de muitos outros professores, ela também é muito singular. (CUQ, 2016, p. 7, tradução nossa.)

Muito além do simples exercício de uma função, participar da vida de uma associação leva a uma convivência. Nesse cenário, forma-se uma rede que possibilita contatos. Cada professor e aluno se inscreve em uma associação local e compartilha seus centros de interesses. Essa associação, por sua vez, é membro de uma federação, com seus outros colegas do mesmo país ou subcontinente. Estes vínculos são entrelaçados em nível global, sem perder de vista o objetivo principal, o mesmo que fez com que todos os professores e todos os jovens estudantes aderissem à associação. Em qualquer que seja o nível, o engajamento é o mesmo; proporcionalmente, todos se preparam para desempenhar seu papel tanto na promoção da língua francesa quanto na implementação de recursos que lhes permitam melhorar suas práticas.

Entretanto, o trabalho em rede não é tão viável quando não se considera o trabalho voluntário daqueles que devem geri-lo. Atualmente, os membros da gestão desempenham suas funções sem direito a qualquer remuneração, seja em nível local (APFDF) ou nacional. Acabamos alocando em nosso *tram-tram*⁴, nossas tarefas associativas em meio a outras - e não menos numerosas – obrigatórias e cotidianas. Um desprendimento que gera resultados: este desejo de compartilhar, esta motivação quase franciscana de dar e (para) receber, reforça o impulso primeiro da vida associativa quando se conduz uma formação contínua, não apenas em nome de um sentido de pertença, mas em um cenário onde uma pequena fâsca representa um farol intenso, diante de um mar onde adentramos, sem nenhuma perspectiva de encontrar um porto seguro.

Estes são os fatores que destacam a importância da reativação da Federação Brasileira de Professores de Francês, em 2017. A formação contínua é a chave para a constituição do saber-ser e do saber-fazer do professor, conforme as reflexões de Damasco, Moreira e Magalhães (2020). As ações empreendidas, muitas vezes dependentes de projetos e de iniciativas pessoais, ganharam alcance nacional com a ajuda de subvenções dos principais parceiros da língua francesa. Graças à intervenção dos Serviços de Cooperação e Ação Cultural, bem como de seus análogos, é estabelecido um acordo com benefícios mútuos, o que corrobora a experiência anterior da

⁴ Diminutivo de *tramway*: meio de transporte coletivo em linha férrea (bonde).

Federação na organização de chamados para participação em vários cursos de formação continuada. O membro de uma associação local é subsidiado, o que dá apoio ao seu saber-fazer pedagógico. A associação, por sua vez, ganha um formador local que é capaz de compartilhar os conhecimentos que ele acredita serem essenciais. Em nível nacional, a Federação também tem seu papel a desempenhar: animar a vida associativa para a melhoria das condições de ensino e pesquisa de línguas estrangeiras. Tão logo este ciclo seja concluído, logo ele reinicia-se.

Como devemos ser sempre gratos, a atual gestão da APFDF tem uma história que a precede. A atual gestão, naturalmente tem um limite de tempo; o desejo de controlar a roleta do tempo da vida associativa nunca se esgota, na medida em que ela é nosso instrumento de luta, nossa oportunidade de continuar a impulsionar a formação contínua e de buscar novas oportunidades para quem desejar. Na atual gestão da APFDF estão, junto comigo: Josely Soncella, vice-presidente; Katia Silva e Denilson Alves (primeira e segundo secretários, respectivamente); Denise Damasco e Paulina González (primeira e segunda tesoureiras, responsáveis por controlar as finanças e a quem sou muito grato). Em nossa gestão, seguimos o lema Unidade na diversidade, pois nós temos uma formação muito particular, em nossas práticas e em nossa formação.

Essa associação nasceu em 8 de maio de 1968, quando 26 professores de francês a criaram, com o objetivo de reunir os professores, trocar ideias de forma eficaz para difundir e aperfeiçoar o ensino da língua e da civilização francesa no sistema educacional. E falar em 68 também é falar em Edson Luís, em *Passeata dos Cem Mil*, é gritar em alta voz "é proibido proibir"; este ano, dividido entre a sombra da repressão e a luz de um mundo novo, também parece definir nossa vocação enquanto associação. Entre o desejo de nos reunir e os períodos de inatividade, chegamos ao jubileu em junho de 2018, com um único desejo: lançar luz onde há trevas, seja por cegueira ou por inércia.

Assim, nós seguimos. Quando o ensino do francês se abrandou, ele foi fortalecido pela intervenção da vida associativa. Ainda hoje, quando pensamos nos dias de confinamento como uma lembrança distante, essas pequenas telas continuam sendo a nossa sala de aula, cada nova aba como uma janela aberta para a rua. Da mesma forma, a vida associativa, identifica as iniciativas de nossos associados e as divulga, fazendo com que outros nelas se inspirem. Assim, a produção de

um livro que narra nossas memórias, segue o programa de formação continuada, retomando nossos contatos entre vida universitária e a vida associativa, essenciais para o saber-fazer do professor.

Mais especificamente, destaca-se uma iniciativa. O livro *Geração de professores: história, memórias, ações*⁵ nasceu com o objetivo de materializar o papel de preservar nossa memória, contar nossa história, visitar nosso álbum de memórias, em busca de perpetuar nossas ações desde a última reativação. Duas citações deste livro sublinham um sentimento de pertença que está presente em toda a vida associativa:

Podemos, sem dúvidas, dizer que estas fronteiras se encontram na transição de estudante de francês para um percurso de professor.a de língua francesa. De acordo com o famoso sociólogo Mannheim, gerações não são substituídas por outras. Eles se sucedem. [...] Portanto, a geração representa uma sucessão de gerações, pois a mera ideia de contemporaneidade dos sujeitos não é suficiente para criar uma geração. (Testemunho de Denise Damasco - s/p, no prelo).

Hoje sou uma professora de francês e posso dizer que estou vivendo meu sonho! E foi graças a André que pude fazer isso. Nas palavras de William Arthur Ward "O professor medíocre conta. O bom professor explica. O melhor professor demonstra. O grande professor inspira". Quero testemunhar aqui que meu professor André Santiago, ele inspira seus alunos! Muito obrigado, meu caro professor e amigo! (Testemunho de Erica Cirino - s/p, no prelo)

Outra ação é o programa de formação continuada da APFDF, que ganhou um nome – Formações itinerantes⁶ - e assumiu um novo formato - online. Com a intenção de organizar sessões de discussões para nossos membros, que se tornaram formadores através das chamadas à participação e, também, organizadas por nossos parceiros, este espaço privilegiado de encontros permitiu a troca de experiências de mais de 200 professores inscritos, sobre temas relevantes para o nosso saber-fazer pedagógico. Tais práticas levam naturalmente a uma reflexão sobre seus próprios percursos profissionais. A apropriação de novas ferramentas, a confirmação de novas práticas, ambas facilitadas por essas trocas, facilitam a criação de novas estratégias que ressignificam essas práticas pedagógicas, melhorando a conscientização do contato com um saber-fazer pedagógico constituído em paralelo.

⁵ Tradução livre de: Génération de profs: histoire, mémoires, actions.

⁶ Tradução livre de: Formations en route.

O advento da SEMIFRA é outro exemplo. O *Séminaire régional de recherches d'expression française* foi criado com o objetivo de proporcionar um espaço de discussões sobre a pesquisa e a formação de profissionais que desenvolvem estudos sobre o ensino e aprendizagem do francês. Durante as três primeiras edições, este espaço privilegiado acolheu professores, conferencistas e estudantes nos campos da literatura ou da didática do ensino de línguas. Nesta fase, a compreensão do contexto global também desempenha um papel importante, com atividades de formação contínua, levando à reflexão sobre os caminhos a seguir no processo de ensino-aprendizagem.

Foi um desafio formar à distância em uma área onde o contato presencial se faz essencial. Conduzir a formação continuada, não era algo novo para nós. Desde a reativação da APDFD em 2013, estabelecemos em nosso regulamento que deveríamos não apenas para enriquecer o repertório da prática pedagógica de nossos professores, mas, também, promover imersões linguísticas em língua francesa. Dito isto, antes do confinamento, pudemos enviar pelo menos dois de nossos membros, por ano, para cursos de curta duração, oferecidos por escolas renomadas como o CAVILAM e o CLA e, também, subsidiamos a participação em congressos no Brasil e no exterior (XXI CBPF, FIPF Liège 2016, SEDIFRALE 2018). A regularização fiscal da nossa Associação tornou possível a realização, pela primeira vez na América do Sul, das universidades BELC-2018 (um programa de educação continuada organizado pela *France Éducation International*, órgão responsável pela aplicação dos testes de conhecimento francês DELF-DALF e pelo intercâmbio de professores, estudantes e práticas de ensino). Anteriormente, tivemos outros exemplos: a Semana de Imersão, 2016, assim como as Jornadas de Formação e Imersão, em 2017, que foram realizadas, respectivamente, na Embaixada da França e em um hotel, sempre em busca de dinamizar a vida associativa através da promoção da formação de nossos membros. Após a primeira experiência da BELC, financiamos a participação de mais três professores nas edições seguintes da Universidade BELC - Buenos Aires, em 2019 e novamente em Brasília, em 2020. Se nova SEMIFRA acontecerá virtualmente, as outras três edições antes da atual foram presenciais, permitindo a troca de experiências entre pesquisadores juniores e seniores, juntamente com professores que também encontraram oportunidade para relatar suas experiências. As pesquisas sempre são realizadas, mesmo quando não se está em um ambiente acadêmico.

Como pode-se ver, a lista de oportunidades é bastante extensa. Mas, para essas oportunidades, compreendemos a formação inicial e buscamos sentir as perspectivas do futuro, surgindo, pois, uma pergunta: qual o benefício de fazer parte da vida associativa? De nossa parte, nossa resposta é positiva. E eu ousaria até acrescentar: não se pode ter nenhuma ação desta natureza quando se insiste em agir sozinho. Mais precisamente, as parcerias se estabelecem quando duas pessoas honestas unem seus objetivos. Nossa associação foi reativada, seus estatutos foram aprovados, suas contribuições anuais foram recolhidas, as situações fiscais, orçamentárias e notariais foram regularizadas. A título de exemplo, dez anos depois, Brasília sediou um Congresso Brasileiro de Professores de Francês. Um evento desta magnitude não teria sido possível se os fornecedores e prestadores de serviços não tivessem sido pagos; acadêmicos confirmados nunca teriam aderido ao comitê científico; estandes com parceiros não poderiam ter sido criados. Em resumo, nada teria sido possível se nossa situação não tivesse sido colocada em ordem de antemão, e o mesmo vale para quando pensamos em outras iniciativas que encorajaram a formação contínua dos associados. Além disso, a reativação da Federação Brasileira de Professores de Francês permitiu que os membros das associações tivessem formações contínuas em todas as modalidades. Integrar a vida associativa é conveniente, pois nos torna visíveis, através do trabalho voluntário de inúmeras pessoas, na medida em que esta integração dá voz não apenas àqueles que querem melhorar suas práticas pedagógicas, mas também àqueles que querem compartilhar essas boas práticas.

Outro fator importante que merece destaque continua sendo a clareza das chamadas para participação destas formações. Quem quer que seja o organizador - a APFDF e/ou seus parceiros - a definição dos pré-requisitos e restrições, por meio do regulamento, tranquiliza os candidatos que, uma vez selecionados, se comprometem a transmitir, através dos cursos de formação, os conhecimentos que considerem mais relevantes. Em nível local, temos uma disposição que proíbe a participação dos membros da atual gestão em qualquer chamada organizada pela própria Associação, o que evita qualquer tipo de favoritismo.

Conclusão

Para concluir, os autores permitem-se questionar: haveria espaço para a vida associativa entre jovens professores ou recém-formados? Para encontrar uma resposta, é necessário tirar o chapéu de presidente e colocar o de alguém que viveu três momentos distintos no decorrer desta vida associativa - inativo, "favoritista" e ativo. Quando não se tem uma vida associativa, todo jovem professor, desejoso de comparar o mundo real com o descrito nos livros didáticos, não possui grandes expectativas. Quando a vida associativa se volta para ela mesma ou, mais precisamente, para seus diretores e apoiadores, a chance dos que acabam de iniciar a carreira é quase nula. Por outro lado, quando se tem uma verdadeira vida associativa, pelo menos uma possibilidade se abre para estes jovens professores - concedendo-lhes a possibilidade de explorar a realidade, mesmo para aqueles que são cativados pela profissão, muitas vezes, inspirados por seus futuros colegas: os antigos professores da educação básica.

Outro fator importante que deve ser mencionado é o fato de o nosso *saber-fazer* pedagógico ser um dos mais solitários, mesmo se estivermos em imersão linguística. Essa solidão, esta monotonia própria das rotinas cotidianas que se quebram a partir do sentido de pertença. Este *saber-fazer* pedagógico pode nos confortar, na medida em que estimamos que é preciso ir além da formação da graduação, diante do *tram-tram* das lições, muitas vezes repetitivas. A necessidade de uma formação constante, assim como a possibilidade de fazê-la graças ao sentido de pertença é o sim definitivo a novas oportunidades, visando também a profissão de formadores, em um círculo virtuoso dos *saber-fazer* e *saber-ser* pedagógicos.

Se tivéssemos um conselho ou sugestão para as associações e seus professores, pediríamos que defendessem uma imagem moderna do francês. Como três gerações de militantes da língua francesa, estamos acostumados a lembrar que o francês, que para nós é uma língua de adoção, deve apagar sua imagem como uma língua da elite e tornar-se uma língua acessível a todos. Acreditamos que esta é a única maneira de vencer a batalha pelo plurilinguismo e de desenvolver o ensino do francês.

CRedit
Reconhecimentos: Não é aplicável.
Financiamento: Não é aplicável.
Conflitos de interesse: Os autores certificam que não têm interesse comercial ou associativo que represente um conflito de interesses em relação ao manuscrito.
Aprovação ética: Não é aplicável.
Contribuições dos autores: Denise Gisele de Britto Damasco - Conceitualização, Administração do projeto, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. Dario Pagel - Conceitualização, Administração do projeto, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. Doina Spita - Conceitualização, Administração do projeto, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição. Waldemar Oliveira de Andrade Junior - Conceitualização, Administração do projeto, Validação, Visualização, Escrita - rascunho original, Escrita - revisão e edição.

Referências

CUQ, J. P. Les associations de professeurs de français et la FIPF au service de la francophonie, In : *Le français à l'université*, n.1 et n. 2, 2016, p. 3.

_____, La vie associative des professeurs de français, un engagement entre intérêt et idéalisme, In: *Synergies Brésil*, nº 7 – 2009, pp. 154-159.

DAMASCO, D. G. B.; MOREIRA, H. C. A.; MAGALHÃES, P. A. A. La vie associative au Brésil : enjeux actuels pour la formation continue des enseignants de français et le travail associatif en réseau. In: CONGRES BRESILIEN DES PROFESSEURS DE FRANÇAIS, 22., 2019, Brasília, Actes du XXIIème Congrès Brésilien des Professeurs de Français. Édition spéciale de la *Revue Letras Raras*: Campina Grande. EDUFCG. nov. 2020, p. 464-473.

FRANCHON, C. Le mot de la présidente du comité scientifique. In: Congrès Brésilien des Professeurs De Français, 22., 2019, Brasília, Cahier de Résumés du XXIIème Congrès Brésilien des Professeurs de Français (CBPF), 147-149. Disponível em: <file:///C:/Users/denis/Downloads/2023-9641-1-PB%20(3).pdf>. Acesso em out. 2021.